

# Maria José da Silva Canuto (1812-1890)

Eduardo da Cruz  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## Resumo

Breve biografia de Maria José da Silva Canuto (1812-1890), apontando seu perfil como escritora e poeta, política, tradutora e educadora. Destacam-se também alguns de seus pseudônimos e formas de acesso à imprensa periódica no século XIX.

**Palavras-chave:** escrita feminina; escritoras em português; liberalismo.

## Abstract

Brief biography of Maria José da Silva Canuto (1812-1890), pointing out her profile as writer and poet, politician, translator and educator. It also highlights some of her pseudonyms and the ways she could access space in the periodical press in the nineteenth century.

**Keywords:** feminine writing; Portuguese women writers; liberalism.

Maria José da Silva Canuto foi professora e educadora, poeta, tradutora, política e jornalista portuguesa. Ela nasceu em Lisboa em 28 de janeiro de 1812 e morreu na mesma cidade em 20 de janeiro de 1890. Maria Canuto foi provavelmente a primeira mulher em Portugal a publicar seus textos na imprensa desde que o liberalismo foi estabelecido após a guerra civil (1832-1834), com um soneto no jornal *A Guarda Avançada*. Suas composições e ações refletiam suas origens populares e seu objetivo por um país mais democrático. Ela lutou pelos proletários, pelos pobres e pelas mulheres.

Embora Maria Canuto tenha publicado vários poemas em uma variedade de jornais, revistas e almanaques<sup>1</sup>, ela nunca produziu um livro de poesia. Um grande número de seus versos tem conteúdo político. Em muitos de seus poemas, havia uma reivindicação pelo combate contra a tirania, a valorização das eleições e dos líderes políticos e militares do partido mais à esquerda do espectro liberal português. Outro

---

<sup>1</sup> Publicamos, em 2018, um livro pela Biblioteca Nacional de Portugal, em parceria com o CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – e com o CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais –, com o apoio da FCT e do Real Gabinete Português de Leitura, com um estudo sobre Maria José da Silva Canuto, seguido de antologia contendo textos recolhidos da imprensa periódica e bibliografia (CRUZ, 2018).

tema recorrente em sua poesia é a elegia dos membros da família real, mas pode-se notar nessas composições um eu que clama pela perda pessoal que é transfigurada na perda da nação.

Como as mulheres não tinham direitos políticos e as questões públicas não eram consideradas temas propícios às mulheres, Maria Canuto teve que descobrir suas próprias maneiras de fazer com que sua voz fosse ouvida. Os textos partidários que ela compôs, em verso ou prosa, ao longo da primeira metade do século XIX foram publicados em jornais radicais que defendiam a revolução e reivindicavam mais direitos para a classe trabalhadora, como *O Nacional*, *O Procurador dos povos*, *O Democrata*, *A Revolução de Setembro* e *O Patriota*. Nessas páginas, Canuto ocultou-se sob diferentes pseudônimos como: Uma Senhora Lisbonense, A Portuguesa Liberal, A Portuguesa Especuladora, A Sibila Lusitana, A Lusitana Ilustre. Além disso, como estratégia para conseguir um lugar para seus poemas, Canuto compôs introduções laudatórias aos editores dos jornais. Mesmo assim, ela alegou que uma mulher ilustrada poderia publicar seus pensamentos sobre vários assuntos desde que os estudou em português ou em outros idiomas.

Juntamente com sua carreira de escritora, Maria Canuto traduziu algumas obras do inglês e do francês para o português. Ela verteu algumas das “Noites” de Young para a revista *A Assembleia Literária*, de Maria Gertrudes Pusich, e alguns romances populares franceses para o jornal *Diário de Notícias*. No entanto, o principal trabalho de tradução de Canuto foi a conversão de *Jocelyn*, de Alphonse de Lamartine, em prosa portuguesa. Essa versão foi publicada pela primeira vez no jornal *A Federação* entre 1859 e 1860, depois em um volume em 1864.

Independentemente do seu trabalho como escritora, Maria Canuto tornou-se famosa como professora e educadora. Em 1847 ela se candidatou a um concurso público para se tornar mestra-régia de meninas. Embora já fosse professora desde 1840, a atividade não era suficiente para ganhar a vida. Então, também trabalhou como costureira antes e depois de ter obtido o cargo público. No entanto, ela se ofereceu para ensinar os trabalhadores pobres de graça à noite.

Desde o curto reinado de D. Pedro V (1855-1861), várias associações dedicadas ao bem-estar das classes populares surgiram em Portugal. Maria José da Silva Canuto foi convidada a participar de algumas dessas organizações oferecendo seu

trabalho como professora. Ela foi influenciada pelo poeta Ant3nio Feliciano de Castilho (1800-1875) que iniciou uma campanha de propagação do seu método de alfabetização publicado pela primeira vez em 1849. As principais características do método de Castilho foram o ensino lúdico e o foco no som e no desenho das letras. Maria Canuto frequentou o primeiro curso que Castilho ofereceu em 1852, aprendeu a implementar o método nas suas próprias aulas e juntou-se ao poeta na sua campanha, aplicando-o nos seus cursos para crianças e adultos.

Em 1860, Maria José da Silva Canuto publicou no jornal *A Federação* uma coletânea de suas palestras na escola noturna do Grêmio Popular. Esses artigos mostram que ela modificou o método de Castilho ao incluir um conteúdo político-social no ensino das letras. Por exemplo, a explicação das letras O e U parte da tristeza do som que produzem para uma memória bíblica e termina em uma crítica à administração pública do liberalismo. O uso de desenhos associados à forma das letras é uma das características do método de Castilho que Maria José Canuto propagou. No caso da última vogal, a imagem relacionada era a da cisterna. Então Canuto lembra que foi em uma cisterna que, segundo a Bíblia, os filhos de Jac3 prenderam seu irmão José, mais tarde vendido como escravo e apontado como ministro do Egito por ter decifrado os sonhos do fara3. Nesse papel, José teria administrado os celeiros públicos e manteria a população alimentada durante os anos de fome. Do ponto de vista de Canuto, isso teria sido melhor do que aquilo que os ministros portugueses estavam a providenciar. Na mesma palestra, ela reclama que no mundo moderno poucos enriquecem explorando o trabalho de muitos:

Hoje, em épocas de civilização e de liberdade, deixa-se correr à revelia o monop3lio que nos devora! Estamos ainda muito longe do alvorecer dessa luz benfazeja de amor e de paz, em cuja crença nos embalsamaram a infância! A civilização, condutora de aperfeiçoamentos morais e físicos, requinta e aperfeiçoa também a arte de engrossar os haveres do maior à custa das fadigas do mais pequeno! Ora pois, devemos esperar que a ilustração, amadurecendo a razão dos povos, os conduza placidamente ao seu bem estar! É com essa esperança que trabalhamos, nós, que somos aqui operários do futuro (CANUTO, 1860, p. 158).

Como educadora, Maria José da Silva Canuto não se contentou em ensinar as primeiras letras. Ela reclamou abertamente sobre o tipo de educação que as meninas recebiam. Também ensinou adultos de uma maneira política que poderia iluminá-los

para lutar por um lugar melhor na sociedade. Canuto formou também outras jovens como professoras antes da fundação da primeira escola normal portuguesa. Maria José da Silva Canuto foi reconhecida como uma grande professora. Inclusive, foi apontada como representante nas primeiras conferências pedagógicas em Portugal. Por causa de seu estatuto de mestra-régia, o que ela orgulhosamente exibia assinando seus textos com esse título, Canuto podia atuar como modelo e líder de mulheres. Assim, quando D. Pedro V faleceu, Maria Canuto montou um grupo de senhoras para segui-la na procissão do funeral do rei. Mesmo com a obliteração da ação política de Canuto em suas primeiras publicações feita por aqueles que queriam preservar o nome incorruptível da antiga mestra-régia, suas ações e seus textos maduros da segunda metade do século XIX mostram que Maria José da Silva Canuto manteve sua luta pela liberdade, pelo bem-estar da classe trabalhadora e pela educação pública para todos os necessitados.

**Referência**

CANUTO, Maria José da Silva. Prelecao 4 – lida em 27 de janeiro, pelo menino Jose Maria Fernandes, de nove anos de idade. *A Federação*, Lisboa, v. 4, n. 40, p. 158, 5 maio 1860.

**Minicurriculo**

Eduardo da Cruz é professor de Literatura Portuguesa no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando na graduação e na pós-graduação. É membro do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura e é investigador colaborador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Publicou pela Biblioteca Nacional de Portugal o volume dedicado à escritora portuguesa Maria José Canuto (1812-1890) da coleção Senhoras do Almanaque do Grupo de Investigação Brasil-Portugal: cultura, literatura, memória, do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias.